

Teatro & Dança



“Guerra e Terebintina” é uma representação da arte como força capaz de redimir o que de pior existe no mundo

Desenhar e pintar

A partir do romance “Guerra e Terebintina”, de Stefan Hertmans, Jan Lauwers concebeu um espetáculo sobre a guerra e sobre a arte

TEXTO JOÃO CARNEIRO EM PARIS

GUERRA E TEREBINTINA

De Stefan Hertmans e Jan Lauwers

Festival de Almada, TNDMII, Lisboa, hoje e amanhã

O escritor flamengo Stefan Hertmans recebeu do seu avô, poucos meses antes de ele morrer, dois cadernos manuscritos; eram cerca de seiscentas páginas. Urbain Joseph Émile Martien nasceu em 1891 e morreu em 1981. Passou a sua infância num subúrbio de Ghent/Gand, e lutou durante a Primeira Guerra Mundial. A partir dos 45 anos, dedicou-se à pintura, nomeadamente a naturezas mortas e cópias de grandes mestres. Casou pela primeira vez com Maria Emelia Ghys, que morreu pouco depois, em 1919, vítima da gripe espanhola; em 1920, Urbain Martien casa de novo, com Gabrielle, a irmã mais velha da primeira mulher, três anos mais velha do que o marido, de quem tem uma filha. Stefan Hertmans demorou cerca de 30 anos até começar a ler os cadernos do avô. O primeiro, começado em 20 de maio de 1963, descreve a infância de Urbain, marcada, em primeiro lugar, pela pobreza e pelas privações; o segundo caderno é mais conciso, do ponto de vista do conteúdo: “Mais de metade do meu diário da guerra de 1914-1918 está ocupado com histórias aborrecidas da minha infância e páginas desinteressantes. Agora vou

escrever apenas sobre a guerra, mas de modo verídico e sincero, não para glorificá-la. Que Deus me ajude nisso. Serão somente as minhas vivências. O horror que vivi.” As memórias de Urbain terminam em 1919; levaram cerca de 17 anos a ser escritas. O resultado da leitura dos cadernos de Urbain Martien foi o romance “Guerra e Terebintina”, publicado em 2013. São memórias de guerra, sim, mas também outras memórias, de uma infância pobre e dura, na qual existem duas figuras tutelares, a mãe, Céline Andries, uma mulher com alguma cultura e educação; e o pai, Franciscus Martien, pintor de igrejas, “um rapaz talentoso de origens modestas”, pelo qual a mãe fará todos os sacrifícios, começando por ir contra a vontade da família, que não queria aquele casamento. Urbain adorava os pais; Franciscus será, ainda, determinante na vida deste filho, que guardará para sempre a memória de, sentado num banco, observar fascinado o pai a pintar. “Guerra e Terebintina” será, assim, o romance da guerra, a primeira catástrofe da vida de Urbain; será também o romance da morte de Maria Emelia, a segunda catástrofe dessa vida; e será, ainda, o romance da descoberta da arte, e de

uma vocação, a de Urbain como pintor, desenhador, retratista. Depois de “O Quarto de Isabella”, criado em 2004, e apresentado no Festival de Almada de 2018, Jan Lauwers pensou dar continuidade àquela ficção teatral, que construiu a partir de memórias do seu pai. Entretanto, o romance de Hertmans acabou por tomar esse lugar. O autor deu-lhe total liberdade de adaptação. Jan Lauwers resolveu — dentro das limitações que a duração de um espetáculo impõe — manter as palavras não exatamente de Hertmans, mas essencialmente de Urbain; resolveu alterar o dispositivo enunciativo, e centrar o texto num narrador, que é uma narradora, a sua insubstituível Isabella, a atriz Viviane de Muynck; é ela quem assume todo o discurso verbal da história, das ações, dos factos; é a partir das suas palavras que se desencadeiam as ações cénicas, os quadros e cenas que constituem o espetáculo, desde as experiências de um pequeno Urbain no seu primeiro emprego, numa fundição, até ao casamento e morte com Maria Emelia, e ao segundo casamento com Gabrielle, passando pelo horror da guerra. Lauwers criou ainda uma personagem nova, uma espécie de enfermeira a que chama “uma figura de melancolia”, e que reage a tudo tentando reparar as feridas e os traumas que marcam grande parte do espetáculo; pediu ao compositor Rombout Willems uma música clássica, executada em cena por um trio de violino, violoncelo e piano. “Guerra e Terebintina” é, cenicamente, uma entidade autónoma do romance com o mesmo nome, mantendo contudo uma grande fidelidade à obra escrita; é uma outra maneira de manter viva a herança da memória de uma figura, de uma personagem, do seu mundo pessoal e do mundo global do qual fazia parte; é uma maneira de falar de uma guerra horrível; é uma representação da arte como força capaz de redimir o que de pior existe no mundo. Benoît Gob representa um Urbain ocupado a desenhar, do princípio ao fim do espetáculo; porque, a partir da observação de coisas horríveis, mas também das transformações operadas pela luz sobre essas coisas e sobre as cores dessas coisas, e com as memórias da pintura que o pai fazia e da pintura que lhe mostrava, o jovem Urbain sentiu, como escreveu Hertmans, “um desejo que parece maior do que ele próprio. É o desejo de desenhar e pintar”. ●

O Expresso viajou a convite do Festival de Almada